

KIVITZ, Ed René. **Quebrando paradigmas**. Abba, 1995. 101p. Resumido por JH Hack em julho de 2001. [Analisa conceitos eclesiológicos tradicionais dos evangélicos (culto, clero, domingo e templo), propondo novos paradigmas que sigam mais de perto o modelo bíblico.]

1. Conceito

Paradigmas são um conjunto de regras (explícitas ou não) que estabelecem limites e nos dizem como nos comportar dentro deles para obtermos sucesso. Ninguém vive sem paradigmas. Devemos confrontá-los com a realidade, mas precisamos de critérios bíblicos para nortear a quebra dos paradigmas. Ou seja, há paradigmas irrevogáveis, apresentados pelas Escrituras.

2. Igreja

A) Razão de ser. Embora Deus tenha compartilhado com o homem a administração da criação, este resolveu assumir sozinho o controle, trazendo sobre si a morte (física, social, existencial, cósmica e espiritual) e entregando o domínio do mundo ao diabo. Deus projetou o resgate em Jesus, reconciliando consigo o mundo. O universo, pois, pertence a Deus por direito de criação e por direito de redenção. Jesus é Senhor sobre o mundo, mas este ainda está em rebeldia. Ef 1.22-23 mostra que Deus planejou a Igreja como lugar inicial do senhorio de Jesus. A razão de ser da igreja (a necessidade que justifica sua existência) é, portanto, a reconciliação da criação com o Criador.

B) Missão. O que a Igreja deve fazer para que todas as coisas sejam submetidas de fato ao controle do Senhor Jesus? Os textos de comissão de Jesus demonstram que a abrangência da missão da Igreja é quase ilimitada, sendo um projeto global de redenção. Sua proclamação envolve tudo o que Jesus ensinou (todo o conselho de Deus). Baseada na autoridade resgatada pelo Senhor, a Igreja precisa anunciar que o universo tem um novo soberano, que o tempo de rebeldia acabou e que o reino de Deus foi inaugurado. Dele farão parte todos os que a partir de agora se submeterem ao novo Rei. Deus está resgatando não apenas pessoas, mas o universo. Assim, a missão da igreja é levar o evangelho todo ao homem todo, dando acesso ao pão de trigo e ao pão da vida (“corpo sem alma é defunto; alma sem corpo é fantasma”). A ação social é consequência do Evangelho e serve como ponte para evangelização. A igreja precisa ter ação integral no mundo, buscando também a reforma das estruturas opressoras e não apenas o resgate de indivíduos.

C) Filosofia. O jeito de ser, o como cumprir a missão varia conforme o contexto em que a igreja está inserida. As comunidades locais são diferentes entre si, enfatizando aspectos variados que atraem segmentos diversos da sociedade.

3. Paradigmas da igreja

Embora as filosofias variem conforme o contexto, percebe-se fortes paradigmas na maioria das congregações brasileiras. São eles: culto, clero, domingo e templo.

A) Templo. Deus quer compartilhar a sua presença com as pessoas. Este processo começou no Éden, face a face, continuando com o tabernáculo móvel no meio do povo. A proposta do templo interrompe o processo original, estabelecendo um “endereço fixo” para Deus. Mas mesmo ali Deus já aponta para a casa eterna construída em Jesus. O projeto continua com a morada móvel do Pai na sua Igreja (pessoas) e não mais no templo; finalizará com o restabelecimento do estar face a face com Deus no céu.

B) Domingo. O sábado judaico era um instrumento para ensinar o povo a buscar a Deus e entrar no gozo da sua presença. Não guardamos o sábado; o sábado é quem nos guarda. Ele nos mantém voltados para Deus. Tem mais a ver com práticas devocionais do que com um “dia sagrado”.

C) Clero. Em Jesus o acesso ao Pai está aberto a todas as pessoas e todos os cristãos têm a responsabilidade de fazer a ponte entre Deus e os homens. Os pastores existem na Igreja para colocar os santos em circulação. Todos são chamados ao ministério pastoral (1Ts 5.12-14).

D) Culto. Sendo a Igreja ao mesmo tempo templo, sacerdotes e sacrifício, o culto não é mais como no AT. A vida é um culto (1Co 10.31; Rm 12), com ocasionais celebrações em conjunto com outros. Isto também implica no serviço uns aos outros, na edificação mútua. Assim, o conceito de culto como reunião para louvar a Deus não tem bases sólidas bíblicas, uma vez que reduz o sentido do servir a Deus.

4. Novos paradigmas

O alvo ministerial da igreja deve ser o de pegar os cristãos reunidos **domingo**, no **templo** para o **culto** desempenhado pelo **clero**, e despejá-los na 2ª feira, tendo em vista a ação cristã responsável no mundo. Isto se faz através dos pequenos grupos.

A) Discipulado. É ensinar a guardar o que Jesus mandou (não só ensinar o que ele mandou, mas ensinar a guardar) e isso acontece por meio de relacionamentos íntimos e exemplos concretos. É um processo e não um programa de estudos; é compartilhar a vida.

B) Cuidado do rebanho. É na dinâmica dos relacionamentos pessoais que as carências dos irmãos são supridas e isto deve acontecer nos pequenos grupos. No roçar de vidas surge a consistência e perfeição.

C) Ministérios pessoais. Os cristãos precisam buscar seu lugar nos variados ministérios da igreja e não apenas descobrir seus dons pessoais. É preciso pôr os santos em circulação, desempenhando serviço para o reino de Deus.

D) Liderança. O exercício do ministério é de todos os cristãos. A vocação pastoral não exige o abandono da ocupação profissional. O NT sempre fala em presbíteros no plural pois: i) há mais sabedoria no trabalho em equipe, diminuindo a chance de heresias; ii) impede os personalismos de um só pastor; iii) gera multiplicidade de ministérios. A mentalidade tradicional exige o obreiro de tempo integral formado no seminário, o que favorece a noção de um clero responsável pelo ministério, além de gerar um efetivo de pastores sem formação profissional (que precisam permanecer pastoreando porque não sabem fazer outra coisa) que culmina em igrejas fracas onde não há ministério dos santos.

Pequenos grupos	Manter igreja	Ênfase			Liderança capacitada
de discipulado	ativa	no ser	Maturidade	oração, Palavra, c/ Jesus	Supervisão de ministérios
de serviço	viva	no fazer	Ministério	exercício dons espirituais	Cuidado do rebanho

5. Radicalizando

Como é a dinâmica de uma igreja liberta dos paradigmas culto, clero, domingo e templo?

A) Usa espaços físicos sem ser enclausurada por eles. O conceito de ter uma sede própria também é um paradigma que precisa ser quebrado, pois muitas congregações investem tempo, dinheiro e enorme esforço para construir seu templo. Quando não há sede própria, pode-se: i) alugar uma propriedade em local estratégico; ii) alugar uma casa para a estrutura administrativa e outros locais para as outras atividades; iii) trocar suas propriedades por prédios prontos a serem adaptados; iv) construir com projeto rápido, funcional e de baixo custo.

B) Não acontece eventualmente e sim permanentemente. Deve-se quebrar o modelo de ativismo dominical, mantendo uma agenda formal enxuta e incentivando os relacionamentos informais. Pode, por exemplo, se estruturar assim: i) celebração coletiva aos domingos; ii) discipulado em horários diversos com participação de todos no uso dos dons; iii) grupos de ministérios, ao redor de projetos em comum; iv) eventos especiais para evangelização, treinamento, comunhão, etc; v) estrutura de educação bíblica, para aprofundamento na fé.

C) Mobiliza todos os seus membros a partir dos dons e ministérios pessoais. O segredo operacional é o equilíbrio entre a ação de uma liderança visionária e carismática e o engajamento de todos os cristãos. O ministério em equipes deve prevalecer para mobilizar o rebanho e atenuar os personalismos. A estrutura eclesial pode se basear em uma equipe pastoral (onde seus integrantes desenvolvem ministérios compatíveis com seus dons) e vários conselhos ministeriais (responsáveis por coordenar áreas de ação diversas da igreja).

D) Articula sua estrutura operacional priorizando relacionamentos pessoais. Pessoas precisam de outras pessoas. Programas e métodos são secundários em uma comunidade de amor. A igreja precisa se reafirmar como ambiente familiar de encontros. O lugar central da igreja não deve ser o palco nem o púlpito, e sim a mesa.

E) Considera o discipulado uma realidade imprescindível, que se processa em quatro fases: i) testemunho (visa a conversão do discípulo); ii) integração (visa seu batismo); iii) maturidade (visa sua qualidade de vida); iv) reprodução (visa seu ministério). As estratégias variam conforme as fases: amizade, exemplo, serviço e testemunho (fase i); eventos especiais, pequenos grupos de discipulado e celebração coletiva (fases ii e iii); treinamento e pequenos grupos de serviço (fase iv).

F) É uma agência de serviço profético. Alguns pensam que a igreja deve conquistar cetro, coroa e trono, mas o caminho ensinado por Jesus é o da toalha, espinhos e cruz. É a via do serviço e não do poder. Através da solidariedade, a Igreja estenderá as fronteiras do reino de amor eterno, passando a ser comunidade alternativa, proclamadora e promotora da justiça integral que atrai o homem a Deus e o transforma. Assim, o serviço é profético, pois a igreja não está no mundo para bem-estar, mas para submetê-lo ao Senhor Jesus. Há, porém, que se redescobrir que o serviço a Deus é necessariamente um serviço ao próximo.

G) Amplia seus horizontes em parcerias com igrejas e instituições cristãs. A visão do reino de Deus leva a comunidade para fora de suas fronteiras, trazendo balizamento teológico (que evita heresias), intercâmbio ministerial e soma de riquezas (para maior impacto no mundo).

H) Está mais preocupada em ser sal e luz do que em preservar seu rebanho. “Tradição é a fé viva dos que morreram; tradicionalismo é a fé morta dos que ainda vivem” (Swindoll). É preciso romper os paradigmas e se preparar para as mudanças rápidas do mundo atual.

Conclusão

A) Síntese. A igreja precisa quebrar seu tradicionalismo e ser verdadeira igreja, onde fluem relacionamentos íntimos nos pequenos grupos, onde há celebração coletiva, onde há multiplicidade de ministérios e serviços.

B) Segredo. Nada pode substituir o mover do Espírito na igreja. Ele é soberano e age como quer. Embora se possa buscar métodos para ajudar a remover a pedra, somente o Senhor pode ressuscitar o morto. Assim, a igreja que quer fazer diferença tem que ser carismática, entregando-se às práticas devocionais e ao exercício dos dons, de tal modo que seu ministério seja explicado apenas à luz do transcendente e não das habilidades humanas.